

Resolução do XII Encontro Nacional das Mulheres do PT

*“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira,
mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas.”*

Audrey Lorde

Conjuntura Nacional

Vivemos um duro e perverso golpe que afastou do poder Dilma Rousseff. Um golpe misógino e machista. Portanto é um golpe contra todas, promovido por um consórcio do capital rentista, os poderosos globais e as oligarquias com a mídia oligopolizada que está implementando um devastador programa neoliberal, antipopular e antinacional.

É importante ressaltar que o golpe impetrado no Brasil, é um dentre os vários em curso na América Latina, golpes imperialistas que atingem diretamente a classe trabalhadora.

O golpe tem como objetivo aprofundar a superexploração do trabalho, a diminuição da renda, o aumento da concentração das riquezas, os genocídios e etnocídios, o desmonte dos direitos trabalhistas, o aumento do desemprego, o desmonte da previdência, a entrega de nossas riquezas naturais, entre as quais o pré-sal, o petróleo e a Amazônia. Além de realizar uma das maiores perseguições da história do Brasil: uma guerra judicial e midiática com objetivos políticos contra Lula e sua família.

A ofensiva conservadora e patriarcal, do golpe no Brasil atua também, no aprofundamento da precarização da vida das mulheres, na promoção e no fortalecimento dos discursos e iniciativas de controle do corpo e da sexualidade das mulheres, com o reforço ideológico de padrões comportamentais e valores. Isto é, a direita retoma a agenda de recrudescimento ao direito das mulheres de decidirem sobre sua vida e seu corpo. E o Congresso Nacional é articulador central do conservadorismo.

As bancadas petistas, em todos os níveis, precisam se posicionar explicita e ativamente contra os projetos que objetivam criminalizar, ainda mais, o acesso ao aborto, bem como defender intransigentemente todas as formas de livre expressão da sexualidade. O PT não pode se esquivar ou ser ambíguo, como ocorreu nos debates sobre o enfrentamento à discriminação de gênero nos currículos escolares, o Estatuto da Família, que visa, também, a criminalização a comunidade LGBT, o Estatuto do Nascituro - definição de pessoa antes do nascimento, penalização das mulheres que fazem aborto, defesa da vida desde a concepção, dentre outros.

Essa disputa em torno das relações de gênero esteve e está no coração do conservadorismo e do pensamento reacionário que vem crescendo no Brasil. Essas ações são orquestradas simultaneamente em vários espaços: nas próprias comunidades e organizações locais de bairros, nas igrejas, nos grandes meios de comunicação, no Congresso Nacional, no judiciário e no próprio executivo.

Nesse sentido, a luta pela revogação da Emenda Constitucional nº. 95, que congela os gastos sociais por 20 anos e da contrarreforma trabalhista são fundamentais para derrotar o golpe e recuperar a democracia no Brasil.

Outras pautas que não podemos abrir mão são as da desmilitarização das polícias e do combate à política genocida de guerra às drogas que mata, encarcera e

destrói a vida do povo negro brasileiro, afetando diretamente a vida das mulheres negras.

O PT mudou a sociedade brasileira, tanto pela luta que travou dentro e ao lado dos movimentos sociais, quanto pela tradução dessa luta em políticas públicas nos nossos governos. As mulheres sempre foram, como hoje são, protagonistas dessa história de luta.

Depois de 37 anos de existência do partido, elegemos a primeira Presidenta no PT, Gleisi Hoffmann, o que é uma grande conquista. Mas não será apenas uma. Nosso fortalecimento é coletivo e nenhuma ficará para trás!

Porém, apesar dos avanços que tivemos, ainda há dificuldades de efetivação de tais conquistas, as quais demonstram também serem insuficientes diante da desigualdade histórica em que nós mulheres estamos inseridas.

Por isso, para continuar mudando, o PT, precisa mudar a economia, na política e na cultura para construirmos um projeto de nação soberana e um programa que atenda as reivindicações das trabalhadoras e dos trabalhadores.

É necessária a construção de um Programa de Governo para as eleições de 2018 que atenda as reivindicações da classe trabalhadora. Nesse sentido, é fundamental a elaboração de um programa estratégico que garanta as mudanças estruturais e o fim da desigualdade sociais, em especial de gênero. Isso se torna mais necessário uma vez que as pautas feministas estão sendo apropriadas por movimentos conservadores e liberais, sob a discussão do chamado “identitarismo”.

As mulheres devem ter no seu horizonte a retomada dos direitos perdidos. Precisamos recolocar as políticas públicas para mulheres no Brasil, contribuindo na disputa dos processos eleitorais. Temos o compromisso de restabelecer a retomada da classe trabalhadora nos espaços de decisão elegendo Lula.

Diante disso, temos quatro tarefas fundamentais de resistência e acúmulo de forças aqui no XII Encontro Nacional de Mulheres do PT que deve se dedicar à:

a) Derrotar o golpismo, que atinge principalmente a vida das mulheres trabalhadoras;

b) Reconquistar a classe trabalhadora;

c) Formular e aplicar um programa com outra estratégia, que rompa com a conciliação de classe, oferecendo um novo programa que dê condições de Lula se eleger presidente em 2018, revogando as medidas do atual governo golpista e aplicando um outro programa voltado para as reformas estruturais fundamentais, para modificar as velhas estruturas da sociedade brasileira;

d) Lutar para que o PT seja um partido que avance na garantia na igualdade entre homens e mulheres e defender o comprimento da paridade em todas as instâncias partidárias, sem retrocessos;

e) Convocar uma nova Constituinte. Eleger Lula e convocar uma nova Constituinte é essencial para realizar as reformas necessárias ao estado democrático e que atendam a reivindicações da classe trabalhadora, assim como, a revogação de todas as medidas aprovadas pelos golpistas como a contrarreforma trabalhista, a Emenda Constitucional 95/2016, entre outras.

Lembremos que em 2017, houve um movimento crescente de resistência das mulheres que acumularam força desde o 8 de março, no qual foi enfatizada a denúncia sobre os impactos devastadores da terceirização irrestrita e das reformas trabalhista e previdenciária.

Avaliamos que o protagonismo das mulheres na organização e mobilização de grandes atos nos 4 cantos do país, bem como paralisações e diálogo com mulheres

trabalhadoras foram decisivas para construirmos a maior greve geral no Brasil na última década.

Diante o cenário e os desafios postos, é urgente: a) centralizar atuação na defesa do partido e do Presidente Lula; b) mobilizar as mulheres para a luta contra o governo golpista, a retirada de direitos e pela recriação da Secretaria de Políticas para as Mulheres, com status de ministério; e c) desenvolver campanha de denúncia e combate ao feminicídio.

Somos Diversas e Nosso Feminismo é no Plural

O capitalismo neoliberal em curso no país precariza a vida das mulheres de todas as regiões, uma vez que promove a verdadeira divisão sexual do trabalho e busca promover a exploração em detrimento da vida de todas/os.

No entanto, as regiões Nordeste e Norte são as mais atingidas, pois são territórios com os piores índices de saúde, educação e segurança, o que amplia a miséria e a fome no campo, na floresta e nas águas, agredindo vidas e corpos, violados e sem direitos.

Por isso, devemos centrar na construção de um feminismo anticapitalista com defesa da igualdade econômica e social, tanto no direito e nas condições de trabalho, com igualdade, acesso à renda e à terra, com oposição à divisão sexual do trabalho; direito de organização dos movimentos, combate ao monopólio dos meios de comunicação e à espoliação da riqueza social que sustentam o capitalismo. Recusa da exploração econômica e o compromisso de lutar por um socialismo feminista, que articule gênero, classe e raça-etnia e a defesa da sustentabilidade ecológica.

É necessária a construção de uma plataforma de lutas concreta, feminista e socialista, que organize a intervenção das militantes no interior do partido e nos movimentos sociais, forjando novos valores e práticas a partir da auto-organização das mulheres. Não compactuar com práticas de construção partidária despolitizadas, de manipulação das dinâmicas internas, de disputas baseadas em aparelhos de mandatos e de intervenção institucional.

A SNMPT deve acolher, fortalecer, emancipar e, também, visibilizar nossas pautas históricas, como a luta pelas creches nos locais de trabalho e a luta pelos direitos reprodutivos, sobretudo no que diz respeito à legalização do aborto, bem como nos fortalecer como sujeitas individuais e coletivas.

Mulheres Indígenas, Negras, Quilombolas e de Axé

O golpe impulsionou o projeto de etnocídio das lideranças indígenas e quilombolas, que avança para cada vez mais territórios. As mulheres negras estão na base da pirâmide social da desigualdade, pois mesmo com qualificação, ainda recebem menos e são menos reconhecidas que homens e mulheres brancas, além de ser as que mais sofrem com a violência cotidiana, bem como com o encarceramento em massa, uma das faces do genocídio da população negra.

O PT precisa se empenhar na pauta da demarcação e titulação de terras indígenas e quilombolas, assim como no respeito ao reconhecimento dos territórios sagrados indígenas e de matriz africana.

Lésbicas, Bissexuais e Transexuais – LBT

Nós, lésbicas, bissexuais e transexuais, reconhecemos que apenas no século XXI, e com a organização do movimento social e, posteriormente, o acesso às políticas públicas dos governos petistas, ocorreu a conquista da voz que antes era fortemente reprimida, fosse por meio da força policial, e/ou da nossa invisibilidade diante do Estado.

Para que a SNMPT tenha cada vez mais representatividade, precisamos ser fortalecidas nos espaços e na sociedade e desconstruir essa cultura opressora de exclusão sofrida dentro e fora do partido. É tarefa de todas e todos quebrar os paradigmas de gênero impostos em nossa sociedade.

Para isso é fundamental articular a construção de uma visão crítica aos retrocessos na sociedade, com o combate efetivo ao machismo e ao preconceito. Destacam-se o combate ao racismo e discriminação das mulheres negras; a defesa da livre expressão das orientações sexuais, em particular no combate à discriminação das lésbicas; o combate a todas as formas de discriminação e mercantilização do corpo das mulheres, destacando as mulheres transexuais.

O conservadorismo é coluna vertebral da visão mercantilista e neoliberal que domina o capitalismo atual. O ataque aos direitos, ao corpo e à autonomia das mulheres organiza uma parte importante da atuação da direita hoje.

Mulheres Jovens

Vivemos uma crescente na organização e no protagonismo de jovens mulheres, e esse fortalecimento de uma nova geração de lutadoras precisa ser incorporado à garra das mulheres que constroem o nosso partido.

Para fortalecer e articular as jovens mulheres, é necessário ter como estratégia de ação o reconhecimento e fortalecimento da transição geracional bem como das candidaturas das jovens petistas, feministas, socialistas, com investimento de verba e militância para um programa nas eleições de 2018.

Mulheres Rurais

A Secretaria deve ser também um espaço plural e aberto às discussões e trocas coletivas das mulheres rurais, de seus dilemas cotidianos, dos êxitos e desafios da transição agroecológica e da construção de um modelo alternativo de desenvolvimento. Vamos caminhar junto às companheiras de movimentos, organizações e todas que querem fazer da SNMPT o elo entre os movimentos e as instâncias partidárias.

Por isso, a Secretaria Nacional de Mulheres deve inserir na pauta e nas suas ações, a bandeira de luta para o fortalecimento das mulheres no campo e na floresta, a bandeira da reforma agrária e da titularização e demarcação das terras das comunidades tradicionais e indígenas denunciando o desmonte das estruturas e das políticas públicas que promovam o fortalecimento da agricultura familiar, contra o agronegócio que mata pela sua forma de produção atingindo as mulheres, principalmente, pelo uso abusivo de agrotóxicos, das chacinas das trabalhadoras e dos trabalhadores rurais e que seguem impunes. Denunciando a inércia da justiça e sua cumplicidade aos interesses dos grandes latifúndios.

Mulheres Trabalhadoras

As mulheres do PT entendem que a emancipação das trabalhadoras passa pela condição fundamental de extinção do atual modelo socioeconômico. Plena justiça social só será possível com a superação do sistema capitalista e com a construção de uma sociedade livre do machismo, racismo, LGBTfobia e de outras formas de opressão, ou seja, uma sociedade socialista.

As mulheres são a maioria da classe trabalhadora, mas ocupam historicamente postos de serviço desvalorizados, porém nos últimos anos houve um avanço da participação e liderança das mulheres no mercado de trabalho e no movimento sindical brasileiro, resultado de um movimento mais amplo pela igualdade de gênero. Os direitos trabalhistas que estão sendo atacados no pós-golpe atingem diretamente as mulheres, por isso a articulação com as mulheres trabalhadoras, sejam elas organizadas no movimento sindical ou não, é essencial para a luta contra o retrocesso e para o fortalecimento das mulheres.

Nossa resposta é a construção de um feminismo anticapitalista com defesa da igualdade econômica e social, tanto no direito e condições de trabalho, como no acesso à renda e à terra, a isonomia no mundo do trabalho, com oposição à divisão sexual do trabalho; respeito ao direito de organização, combate ao monopólio dos meios de comunicação e à espoliação da riqueza social que sustentam o capitalismo.

Fortalecer uma cultura de solidariedade identificada com a recusa da exploração econômica, expressando na prática e na atuação do partido o compromisso de lutar por um socialismo feminista, que articule gênero, classe e raça-etnia e defesa da sustentabilidade ecológica.

Luta ombro a ombro com os movimentos sociais e com os movimentos feministas

O feminismo foi, desde o início, parte da construção do PT, fruto da atuação de milhares de militantes do movimento feministas e de mulheres que enraizaram a incorporação do feminismo como parte da experiência do partido.

A luta pela igualdade entre mulheres e homens, o enfrentamento da discriminação e das relações patriarcais que marcam a sociedade brasileira, a necessidade de construir políticas com a perspectiva feminista em sua ação institucional, e o questionamento ao machismo, ainda presente, no cotidiano das relações partidárias, foram colocadas como uma exigência e um desafio para um partido que se queria novo e libertário.

O feminismo socialista, que construímos, afirma a necessidade de profundas mudanças sociais, da ruptura com as desigualdades de classe e étnico-raciais, da busca da superação da opressão sexual e da luta cotidiana por melhores condições de vida. É indispensável que o partido que se identifique, de forma efetiva, com a subversão dos padrões, dinâmicas e valores que se fundam na hierarquia opressora das relações de patriarcais, que confere aos homens como grupo social poder e controle sobre o corpo e trabalho das mulheres. O feminismo sempre trouxe para a esfera política a necessidade de construir práticas sociais fundadas na coerência nas relações pessoais, na sexualidade e subjetividade.

Nosso papel é fundamental e permanente na construção com os movimentos sociais e movimentos feministas. Inclusive, um dos grandes objetivos da criação dos setoriais é essa troca e atuação conjunta.

O acúmulo da luta das mulheres tem se traduzido nos movimentos sociais e populares que são formas de ação concreta do feminismo dentro e fora do PT. Novas formas de organização do movimento e do feminismo também vêm surgindo, e é nosso papel sermos receptivas e fazer essa troca entre elas e o partido.

Articular diálogo com os diversos movimentos de mulheres, comprometido com a pauta do feminismo que dialogue com as bases sociais amplamente e incorporar as petistas na agenda dos movimentos sociais feministas e na Frente Brasil Popular.

Priorizar a intervenção das petistas de forma permanente no movimento de mulheres e outros movimentos que articulam as mulheres negras, LBTs, jovens, e todas as outras manifestações das mulheres, nos movimentos populares e sindicais, camponeses e rurais, de juventude e todos os outros movimentos, articulando uma plataforma feminista atrelada à construção de um movimento de massas, radical, enraizado nos setores populares e sem elitismo.

Fortalecimento e Articulação das Mulheres do PT

- Formação: para o empoderamento das mulheres petistas, sejam militantes, filiadas, dirigentes ou candidatas, a formação é fundamental. Promover e apoiar espaços de formação relacionados à compreensão do capitalismo, do patriarcado, do Estado, do socialismo, da democracia, do feminismo, da cultura e das questões de gênero, interseccionando esses debates com as lutas indígena, negra, LGBT, geracional e regional.

- Compromisso com a manutenção e ampliação da paridade de gênero, cotas raciais e geracionais e articulação das dirigentes do PT.

- Comissão de Ética, para acolher as mulheres que passam por situações de assédio e todo tipo de violência dentro do Partido. A formação, a autocrítica e a reflexão coletivas são centrais.

- A paridade não pode ser uma ficção e não deve ser encarada como um entrave para a composição das instâncias da direção. A paridade real será construída com investimento em formação militante para mulheres e o entendimento de que os espaços de poder devem refletir a diversidade social em seus gêneros, cores e realidades sociais.

Construção coletiva e democratização da Secretaria de Mulheres do PT

Propomos a criação do Conselho Político Nacional de Mulheres, horizontal, coletivo e democrático, a fim de promover e fortalecer a atuação nos estados e em todas as suas regiões, formado pelas integrantes do Coletivo Nacional e pelas Secretarias Estaduais de Mulheres.

Garantir um processo democrático de funcionamento das Secretarias de Mulheres, como um instrumento para fortalecer uma prática feminista dentro do partido que contribua efetivamente para nos organizar como sujeito coletivo. Fortalecer a SNMPT a muitas mãos é construir um coletivo forte, com funcionamento sistemático; que atue para a formação política e a organização interna das mulheres de todo o Brasil, capaz de promover um diálogo permanente com a sociedade. E contribuir para ampliar a presença das mulheres comprometidas com a plataforma feminista em nossas bancadas e nos governos petistas.

Democratizar o Fundo Partidário: a prioridade do fundo partidário deve ser de potencializar nossa luta interna e externa, atendendo as demandas apresentadas, como o aumento, empoderamento e fortalecimento das candidaturas de mulheres.

Criar o observatório da paridade e das questões de gênero. Articulação política para garantir o cumprimento das regras partidárias, as composições nas programações (mesa, debates, comissões etc.) e também da legislação como os programas de rádio e TV.

Desenvolver campanha de combate ao machismo institucional, com ações internas para rever e refazer práticas e posturas cotidianas reprodutoras do machismo.

Realizar campanha de filiação dirigida às mulheres.

Incentivar a criação das Secretarias Municipais de Mulheres do PT com encontros municipais.

Realizar reuniões periódicas e alteradas da secretaria, com divulgação ampla. Orçamento participativo da secretaria e prestação de contas anual.

Recuperar um processo democrático de funcionamento das Secretarias de Mulheres, como instrumento para fortalecer uma prática feminista no partido, atuando efetivamente para nos organizar como sujeito coletivo.

Garantir, na sua atuação e no seu programa, a coerência com as bandeiras e as práticas do feminismo.

Fortalecer a SNMPT a muitas mãos é construir um coletivo forte, com funcionamento sistemático; que atue para a formação política e a organização interna das mulheres de todo o Brasil, capaz de promover um diálogo permanente com a sociedade.

E contribuir para ampliar a presença das mulheres comprometidas com a plataforma feminista em nossas bancadas e nos governos petistas.

Fortalecer as mulheres nas direções partidárias, apoiando e criando instrumentos para incentivar a atuação política das dirigentes mulheres; insistir no cumprimento da paridade como um instrumento de fortalecimento e democracia das direções partidárias; fortalecer a solidariedade feminista entre as dirigentes como elemento indispensável na sustentação de uma política feminista no PT, impulsionando o feminismo nos espaços gerais do partido.

Incentivar a militância feminista no PT contribuindo para a organização e o funcionamento das secretarias municipais e estaduais de mulheres do PT. A SNMPT deve garantir a pluralidade e atuar para organizar as mulheres e coesionar a ação das militantes no interior do partido. Garantir a discussão coletiva e transparente da estrutura e das finanças da secretaria, bem como da aplicação dos 5% do fundo partidário. Denunciar e cobrar a apuração de casos de violência, assédio sexual ou declarações públicas de cunho machista; não admitir nenhum tipo de expressão machista dentro do PT.

Articular a construção de uma visão crítica aos retrocessos na sociedade, com o combate efetivo ao machismo e ao preconceito: combate ao racismo e à discriminação das mulheres negras; o enfrentamento à heteronormatividade; a defesa da livre expressão das orientações sexuais, e o combate à LGBTfobia; o enfrentamento a todas as formas de discriminação e mercantilização do corpo das mulheres.

É central defender o estado laico e combater a expressão e intervenção conservadora das religiões que atuam para limitar o acesso aos direitos e à livre expressão da sexualidade.

Construção articulada com outras Secretarias e Setoriais

Por sermos diversas, a SNMPT deve estar articulada com as secretarias nacionais LGBT, de Combate ao Racismo e de Juventude, além de todos os outros

setoriais. Vivemos experiências vitoriosas de transversalidade em nossos governos e podemos trazer essa experiência de construção para dentro do nosso partido.

Desde 2010 é obrigatória a aplicação de 5% do fundo partidário para as mulheres. Todavia, o uso destes recursos ainda são fonte de diversos problemas. É preciso que as Secretarias de Mulheres possuam autonomia e qualificam a sua gerência.

Nós, mulheres, e os feminismos, temos uma contribuição fundamental para a formulação de uma nova estratégia para a esquerda e para o PT e para a instituição de novas práticas de militância e convivência que contribuam para a igualdade e a liberdade das mulheres.

Priorizar a intervenção das petistas de forma permanente no movimento de mulheres e outros movimentos que articulam as mulheres negras, LBTs, jovens, e todas as outras manifestações das mulheres nos movimentos populares e sindicais, camponeses e rurais e todos os outros movimentos, defendendo o Estado laico e combatendo a expressão e intervenção conservadora das religiões que atuam para limitar o acesso aos direitos e a livre expressão da sexualidade, articulando a defesa de uma plataforma feminista vinculada à construção de um movimento de massas, radical, enraizado nos setores populares e sem elitismo.

Articular, com a Secretaria de Combate ao Racismo, encontro para construção de atuação e pautas específicas com as mulheres negras.

Reforma Política

A igualdade de gênero só se concretizará por meio da igualdade efetiva em espaços de poder político e econômico em uma luta anticapitalista. Neste momento que vivenciamos um golpe antidemocrático, xenofóbico, racista, LGBTfóbico, machista, misógino, genocida e que a cultura de ódio e o conservadorismo se aprofunda na sociedade brasileira, precisamos ousar na pauta da representação política por meio de ações consistentes e mobilizadoras.

Após 21 anos da primeira ação afirmativa na legislação eleitoral que estabeleceu cotas de mulheres candidatas podemos observar que pouco avançamos na nossa representação política.

Nesse sentido, o 12º Encontro Nacional de Mulheres do PT aprova a proposta da realização de Campanha Nacional de Coleta de Assinaturas para a apresentação de uma PEC (Proposta de Emenda Constitucional) por meio de Projeto de Iniciativa Popular nos termos estabelecidos pela Constituição Federal, estabelecendo o percentual de no mínimo 30% de vagas para as mulheres nos legislativos municipais a partir de 2020 e nos legislativos estaduais e federal nas eleições seguintes. Desse modo, a legislação eleitoral deverá assegurar a prioridade e o financiamento público para as candidaturas de mulheres a partir de 2020.

As eleições de 2028 devem ser um momento privilegiado para a disseminação desse debate na sociedade, integrando o conteúdo programático e a campanha de filiação do PT.

As mulheres petistas conclamam, mulheres e homens que acreditam na igualdade de gênero e em uma sociedade mais justa. Militantes do PT, dos demais partidos de esquerda no país, bem como os militantes dos movimentos sociais

populares, movimentos feministas e de mulheres para se somarem a essa Campanha Cívica por Igualdade de Gênero nos parlamentos brasileiros.

Eleições 2018

A estratégia eleitoral do PT 2018

A aprovação da resolução sobre a paridade de gênero no 4º Congresso Nacional do PT é uma vitória de um intenso processo de disputa, luta e acúmulo das mulheres petistas contra o machismo que é estruturante das relações políticas em nosso partido.

As mulheres petistas conquistaram também que as coligações partidárias garantissem 30% de candidatas em suas composições, o que foi incorporado como lei eleitoral para todo o país, e a discussão sobre a participação das mulheres na política e a sua representação nas esferas de poder tem ganho maior visibilidade nas plataformas eleitorais nos partidos políticos.

Porém, essas conquistas ainda não significam que as mulheres efetivaram o verdadeiro empoderamento, o golpe machista contra a presidenta Dilma, protagonizado e organizado pelo Congresso Nacional e o avanço do conservadorismo em todas as Casas Legislativas no Brasil são uma prova de como é fundamental que o PT tenha uma estratégia eleitoral voltada para garantir e viabilizar as candidaturas das mulheres petistas em 2018, e que essa estratégia deve ser parte da própria dinâmica partidária, compor os seus princípios, objetivos, diretrizes, projeto político e ideológico de disputa da sociedade.

Portanto, defendemos que o PT realize durante todo o ano de 2018, ciclos de formação, seminários, programas de TV em rede nacional e outras estratégias regionais e locais para fortalecer as candidaturas de mulheres.

O PT deve garantir apoio prioritário, político, financeiro e estrutural para as candidaturas das mulheres petistas.

O PT deve estabelecer como prioridade, a manutenção dos mandatos de mulheres parlamentares, nenhuma mulher parlamentar a menos!

O PT deve estabelecer dentro da meta de composição das suas bancadas estaduais e federal, a garantia da representatividade das mulheres em sua estratégia.

Criar uma rede de candidatas - deputadas estaduais e federais, senadoras, governadoras nas eleições de 2018 e de vereadoras e prefeitas em 2020 - com o objetivo de fortalecê-las para as disputas nos municípios com maior transparência e conhecimento sobre os recursos já previstos em lei.

Paridade nas candidaturas proporcionais, efetiva participação nas eleições majoritárias e paridade no orçamento de campanha.

Mapear e acompanhar ações e posicionamento dos parlamentares relacionados à pauta feminista.

*Não há Socialismo sem Feminismo!
Nem Feminismo sem Socialismo!
Juntas por um PARTIDO SEM MACHISMO!
Eleição sem Lula é Fraude!*